

Brigas políticas não ajudam

Jornal de Brasília

a definir as diretas

Malu Pires

A briga entre os presidentes de partidos e os membros da bancada do DF no Congresso é o mais novo problema na extensa lista de dificuldades para aprovação das eleições diretas em Brasília, este ano, pelo plenário da Constituinte. Não bastasse a aprovação do mandato de cinco anos para o presidente José Sarney, que reforçou a posição do Palácio do Planalto no Congresso, contra o pleito no DF; a resistência do PFL nacional em realizar um acordo favorável às diretas e a falta de **quorum** no plenário, agora, os presidentes de partidos e os constituintes do DF se debatem em acusações recíprocas, dificultando, ainda mais, um entendimento sobre o assunto.

Ninguém escapa das queixas. Os deputados Augusto Carvalho (PCB) e Sigmaringa Seixas (PMDB) são chamados de "fominhas", acusados de disputarem a autoria da emenda que dará eleições ao DF este ano. O senador Pompeu de Sousa (PSB) é classificado de "omisso" por não estar presente às negociações pelas diretas, e seus colegas senadores, Maurício Corrêa (PDT) e Meira Filho (PMDB) são acusados de fazerem "corpo mole", isto é, de não lutarem com afinco pela aprovação do pleito.

Já os deputados Francisco Carneiro (PMDB) e Márcia Kubitschek (PMDB) são classificados de "ajudantes do Planalto", enquanto os deputados Valmir Campelo (PFL) e Jofran Frejat (PFL) são apontados como parlamentares de "dupla militância", ou seja, de trabalharem contra as eleições, votando a favor do pleito por interesses eleitorais. Os deputados Geraldo Campos (PMDB) e Maria de Lourdes Abadia (PFL) são chamados de "devagar", caracterizando a expressão pouco empenho em reverter votos contrários ao pleito.

Ingênuos

As reclamações sobre os presidentes de partidos são no mesmo tom. São acusados de "ingênuos" por acreditarem que os 370 nomes inscritos no painel de apoio às diretas já se converterão em votos no plenário e de tentarem "criar" um fato político "inexistente". Neste campo, entretanto, as maiores queixas vão para o "estilo trator" do secretário-geral do PMDB, Múcio Athayde.

Acompanhado sempre por correligionários, de paletó azul-marinho, camisa branca, gravata vinho, sapatos pretos meio empoeirados, além, é claro, do inevitável chapéu de palha, o secretário causa alvoroço onde passa, causa "constrangimentos" pelo seu estilo "populista" e ganha a "antipatia" dos presidentes de partidos e constituintes de Brasília. Isso porque, seu estilo "popular", como ele mesmo define, faz com que transforme o comitê suprapartidário, que envolve todas as agremiações políticas do DF na luta pelas diretas, numa atuação particular do "seu" PMDB.

Explicações

Os parlamentares e os presiden-

tes de partidos reconhecem as brigas internas e atribuem diferentes conotações ao quadro. A maioria reage com raiva às mútuas acusações e apenas cinco revelaram tranquilidade: o presidente do PCB, Carlos Alberto Torres e os deputados Geraldo Campos e Sigmaringa Seixas, Francisco Carneiro — todos do PMDB —, além do deputado Augusto Carvalho (PCB).

O presidente do PCB afirma que não se importa de ser chamado de "ingênuo" e de "tentar criar um fato político". "Pior seria se não fizesse nada pela aprovação das diretas já", disse. "Sou um defensor do pleito, assim como meus colegas, e até a votação lutarei para que os 370 apoios dados no painel se convertam em votos criando assim o fato concreto da aprovação da matéria", frisou.

Brincadeira

Já os deputados Geraldo Campos e Sigmaringa Seixas consideram as acusações de "devagar" e "fominha", respectivamente como uma "brincadeira". "Quem me conhece sabe a carga horária que enfrento e da minha luta junto às lideranças do Congresso para que as eleições este ano sejam aprovadas", ressaltou Campos, enquanto Sigmaringa lembrou seu desempenho junto à Subcomissão da União, DF e Territórios pela inclusão das diretas já no seu relatório, sua atuação favorável ao pleito na Comissão de Sistematização e a colocação de 443 assinaturas no destaque à sua emenda que será apresentada em plenário. "E meu dever e obrigação lutar pela realização das eleições, minha atuação é, reflexo dos meus compromissos eleitorais e deve ser respeitada", frisou. Sua opinião é compartilhada pelo deputado Augusto Carvalho.

O deputado Francisco Carneiro acha "graça" de ser considerado um "ajudante do Planalto" — "e pensar que até hoje nunca conversei a sós com o Presidente" — ironizou. Para o parlamentar, as críticas à sua atuação vêm de políticos "pouco democráticos", que "não respeitam as opiniões alheias". E frisa que "é preciso raça" para assumir as posições "verdadeiras, mas antipáticas que tenho sido obrigado a tomar, já que assim manda a minha consciência", como sua posição contrária às eleições diretas em Brasília este ano. E acentuou, "se fosse partidário do Planalto não defenderia o fim do congelamento da URP para o funcionalismo nem a anistia financeira aos microempresários.

Raiva

Em contrapartida ao tom moderado destes parlamentares, os senadores Pompeu de Sousa (PSB) e Maurício Corrêa (PDT), Maria de Lourdes Abadia (PFL) e Márcia Kubitschek (PMDB) confessam que conhecem as "focacas" e não escondem sua irritação com o tema. "O que eles querem que eu faça? Que saia gritando no meio da rua que estou trabalhando", disse o senador Maurício Corrêa. "Quem sabe se eu

Valdir Cavalcante

bater um tambor no meio da rua", completa a deputada Maria de Lourdes Abadia. "Se por acaso eu gritar eles acreditarão", acentuou a deputada Márcia Kubitschek, enquanto o senador Pompeu qualificava as acusações de "injustiça flagrante", o deputado Valmir Campelo debitava as denúncias "à inveja" e o deputado Jofran Frejat a seus "adversários políticos".

Estes parlamentares usam como argumento sua atuação política na Constituinte para rebater as críticas dos colegas do DF. O senador Maurício Corrêa lembra que tem emenda em favor do DF e que conseguiu que sua bancada no Congresso apoie o pleito este ano. Maria de Lourdes Abadia afirma que vem trabalhando com afinco para conseguir os 25 votos da bancada feminina no Congresso, além dos de deputados do Sergipe.

O senador Pompeu de Sousa aponta sua emenda a favor das diretas este ano como um dos argumentos para não ser acusado de "omisso". A deputada Márcia Kubitschek nega ser "ajudante do Palácio do Planalto" e afirma que votou pelos cinco anos de mandato para o presidente José Sarney "porque desde os 10 anos é convicta cisto", uma vez que seu pai, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, teve igual mandato e realizou um governo "Chamado hoje pela imprensa de Anos Dourados". "Estou lutando pelas eleições no DF este ano e, as defenderei até o fim", frisou.

Inveja

Na opinião do deputado Valmir Campelo a suspeita de dupla militância não tem sentido e é fruto da imaginação dos invejosos "que sabem que eu sou um virtual candidato a governador do DF nas próximas eleições". Considera a acusação uma brincadeira de "mau gosto" e afirma que por trás dela existe uma campanha para lhe deixar mal junto à opinião pública. Frejat afirma que a acusação de "dupla militância" é "coisa de seus adversários políticos", que acreditam que ele seja pouco inteligente para, em início de carreira política, dizer uma coisa e fazer outra. "Não sou burro, falei que votava nos quatro anos de mandato, ninguém acreditou e eu votei. Sei que a melhor opção para o DF é que as eleições se realizem este ano, defendendo e batalho por isto e votarei neste sentido", acentuou.

O senador Meira Filho (PMDB) e o secretário-geral do PMDB não foram localizados.

De acordo com o presidente do PCB, Carlos Alberto Torres, as brigas internas dos políticos de Brasília, quando expostas, trarão ao menos um correlato positivo: "Mostrará a normalidade da vida política de Brasília, provocando a união em torno das diretas já este ano e a reativação do trabalho de todos para conseguir os votos necessários à sua aprovação". Pela reação dos parlamentares sua previsão pode se cumprir.